



Favela, soma de exclusões e assimetrias: em busca de uma mobilidade simbólica na cena midiática¹

*Simone Maria Rocha**

O objetivo deste artigo é discutir o tema da exclusão social, enfatizando-o como um problema político, moral e social no caso dos moradores de favela. Nossa intenção é mostrar que o principal problema da exclusão é o que poderia ser chamado de “pobreza política” e o exercício precário da cidadania. Indaga-se se o reconhecimento deste problema seria um primeiro passo em direção ao encaminhamento político desta questão. É nossa intenção, também, a partir de uma análise preliminar da série *Cidade dos Homens*, mostrar como a mídia pode desempenhar uma função central neste processo, através da visibilidade que ela confere aos fenômenos sociais e da sua capacidade para provocar reflexividade — aspectos entendidos como fundamentais para a estruturação da vida social em geral.

exclusão social, mídia, reflexividade.

The aim of this paper is to discuss the subject of social exclusion, in focusing it as a political, moral and social problem, in the case of slam populations. Our purpose is to demonstrate that the main problem with exclusion is something which is known as “political poverty” and the poor exercise of citizenship. The question is whether recognition of this problem is a first step towards its political

* Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Bolsista do CNPq (recém-doutora), docente do Departamento de Comunicação Social da UFMG e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Mídia e Espaço Público do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociabilidade da UFMG. (smarocha@ig.com.br)

solution. We also intend to show, from a preliminary analysis of the TV series *Cidade dos Homens*, how the *media* might play a central role in this process, considering the visibility that it provides to social phenomena, its reflexive role as well as its fundamental presence in the structuring of social life in general.

social exclusion, media, reflexivity.

L'objectif de cet article est de discuter la question de l'exclusion sociale, en mettant en évidence son aspect politique, moral et social dans le cas des habitants des bidonvilles. Nous voulons montrer que le principal problème de l'exclusion est ce qu'on pourrait appeler la "pauvreté politique" et la précarité de la citoyenneté. On se demande si la reconnaissance de ce problème ne serait pas un premier pas pour aborder l'aspect politique de cette question. Nous voulons aussi, à partir d'une analyse préliminaire de la série télévisée *Cidade dos Homens*, montrer que les médias peuvent jouer un rôle central dans ce processus, étant donnée la visibilité qu'ils apportent aux phénomènes sociaux, son rôle réflexif et sa présence centrale dans la structuration de la vie sociale en général.

exclusion sociale, médias, réflexivité.

El objetivo de este artículo es discutir el tema de la exclusión social como un problema político, moral y social, de los habitantes de una "favela" ("chabola" o "villa miseria"). La intención es mostrar que el principal problema de la exclusión podría ser la llamada "*Pobreza Política*" y el ejercicio precario de la ciudadanía. La cuestión es el reconocimiento de este problema como primer paso hacia el avance político de esta situación. La finalidad es, también, a partir de un análisis preliminar de la serie de televisión *Cidade dos Homens*, mostrar cómo los medios pueden desempeñar una función central en el proceso, teniendo en cuenta la visibilidad que confieren a los fenómenos sociales, su papel reflexivo y su presencia fundamental en la estructura de la vida social en general.

Exclusión social, Medios de comunicación, Reflexibilidad.

Introdução

Os estudos e reflexões sobre exclusão social, realizados no âmbito das Ciências Sociais (Demo, 2002; Oliveira, 1997; Zaluar, 1997, 2004), apontam para o fato de que os autores reconhecem este problema como de natureza moral, político e social, um problema de falta de valoração, ou de uma desvalorização simbólica. Contudo, o mesmo não se pode dizer quanto ao fato de esses autores reconheçam que, na contemporaneidade, os meios de comunicação exercem papel fundamental nos processos de visibilidade e *reflexividade*. Não se tematiza, no âmbito das reflexões aqui apontadas, o papel que a mídia poderia desempenhar para deslocar visões e características estereotipadas atribuídas aos excluídos, e, assim, contribuir para construir um possível questionamento dessas visões.

Nossa premissa é a de que a mídia pode oferecer insumos às pessoas para que as mesmas pensem sobre o mundo, suas ambigüidades, contradições, desigualdades. É a de que ela pode exercer interferência significativa nas conversações cívicas, e modificar o contexto de desinteresse e apatia frente a questões de natureza e interesse coletivo. E que ela pode, sim, contribuir para a aproximação de diferentes mundos e diferentes públicos, na medida em que os programas e mensagens exibidos na mídia podem criar uma margem de entendimento que seja ampliada, que rompa com visões de mundo restritas e gere maior consideração, respeito e estima pelos diversos sujeitos de mundos diferentes.

A partir dessa premissa, gostaríamos de explorar, a partir de certos conceitos, o que estamos chamando de potencial da mídia para provocar uma mobilidade simbólica. Em termos mais específicos, nosso propósito é o de questionar uma visão segundo a qual favela seria apenas um lugar de ausência e de excluídos, e apresentar uma outra perspectiva em que ela seria vista como um lugar no qual os sujeitos estabelecem interações sociais, possuem aspirações de vida, visões de mundo, quadros de referências compartilhados, moralidades que dão sentido e alimentam seus sentimentos de pertença a uma comunidade. Consideramos

mobilidade simbólica a noção que traduz o deslocamento de uma visão pré-concebida e, (por que não?), preconceituosa acerca de excluídos, no caso, moradores de favela², para uma visão que os toma como sujeitos comuns, com dilemas e aspirações também comuns, que não representam um risco *a priori* para os demais grupos pelo fato de ser moradores de uma favela³.

Nessa perspectiva, a série *Cidade dos Homens*⁴, com suas características e pretensões, pode ser uma fonte profícua de reflexões dessa natureza, tendo em vista o seu processo singular de produção, sua proposta e sua preocupação em divulgar a favela de um modo distinto daqueles que ocupa na maioria dos espaços de visibilidade midiática, quais sejam, um lugar de violência, risco, perigo e criminalidade. A Série não será aqui objeto específico de nossa análise. Faremos apenas apontamentos iniciais com a intenção de ilustrar nosso argumento no que concerne ao papel da mídia e à premissa por nós explicitada. Nesse sentido, uma análise textual mais densa, detalhamento do programa e seu caráter ficcional e uma maior problematização deverão ser objeto de um estudo futuro mais sistemático. Por ora, consideramos pertinente apenas indicar os possíveis modos de endereçamento dessa mensagem, tomando por base uma primeira leitura da Série.

Nossa proposta parte da discussão sobre a exclusão social — tomada em seus aspectos moral, político e social — e do estudo sobre a favela, problematizando impressões eivadas de preconceito, promovendo o entendimento e a construção de uma nova imagem, feita a partir de suas práticas culturais e sociais. Queremos demonstrar como a mídia pode desempenhar algum papel nesse processo que busca esse deslocamento e essa nova referência. Embora saibamos que ela, em sua grande parte, reproduz o preconceito e reforça algumas noções pré-concebidas, gostaríamos de inquirir, também, o que ocorre quando esta mesma mídia intencionalmente se propõe a produzir um programa diferente. Ainda que ela incorra em alguns estereótipos, será possível concluir que uma proposta como essa pode desestabilizar configurações já dadas?

Diversos estudos (Pereira, 2001; Araújo, 2002) mostram que as imagens e os discursos que circulam no sistema midiático são discursos hegemônicos, que expressam estigmas, estereótipos, configurados pelos padrões culturais prevalecentes na sociedade e que reforçam, assim, o sentido de exclusão de que estamos tratando. A maior parte das imagens que representam as minorias - especificamente os moradores de favela - podem estar em consonância com este sentido da exclusão. Mas, se levarmos em conta a centralidade e, ao mesmo tempo, a ambigüidade da mídia, a influência dos meios de comunicação na vida cotidiana, veremos que é preciso considerar mais sistematicamente qual é o seu papel social nos processos de visibilidade, reflexividade e formação de identidade, pensando num quadro mais amplo de uma sociedade democrática. Esses aspectos relacionados com as experiências, os conflitos e as lutas concretas de indivíduos e grupos na sociedade têm sido negligenciados nos estudos sobre política, em geral, e sobre democracia, em particular (Miguel, 2000; Barker, 1999; Kellner, 2001).

Julgamos importante afirmar que não se trata, no âmbito da reflexão aqui proposta, de ignorar ou relevar a origem, sobretudo econômica, dos processos de exclusão. Mas acreditamos, como Oliveira, que:

analisar o problema dos excluídos sob o viés econômico nada nos diz sobre a necessidade - que não é econômica, mas ética e política - de sua inclusão. (...) Em resumo, o conceito de excluídos tem uma razão teórica mas, sobretudo, ética e política: é ele que nos interpela sobre a natureza da polis que estamos construindo (grifos nossos) (Oliveira, 1997:60).

Nancy Fraser (1997) e Axel Honneth (2003), embora entendam que problemas de redistribuição de renda e recursos materiais e de reconhecimento das identidades estejam intimamente interligados, argumentam que é importante distingui-los analiticamente para que se apreenda o modo pelo quais facetas de tais problemas se combinam de maneira peculiar em diferentes grupos sociais, provocando exclusões de natureza distinta.

Mídia: visibilidade e mobilidade simbólica

Como a *mobilidade simbólica* seria possível? J. Fishkin (1997) fala da possibilidade de o sujeito colocar-se no lugar do outro, ou seja, pessoas distintas, uma no lugar da outra têm a oportunidade de ganho e de experiência de vida que permitiriam o deslocamento de sua própria visão de mundo. Em que medida nós poderíamos pensar esse deslocamento feito através da mídia?

Importantes teóricos (Bourdieu, 1997; Sartori, 2001) tecem críticas contundentes aos meios de comunicação e a uma espécie de imposição que eles acabam por exercer nos mais diversos campos e dimensões da vida social. São críticas pessimistas, que enfocam sobremaneira o interesse comercial que estaria no pano de fundo de todas as atividades aí desenvolvidas (sobretudo no campo jornalístico, segundo Pierre Bourdieu). Esses autores acreditam que esteja havendo uma onipresença da mídia, no sentido de que ela estaria englobando os demais campos, como o político e o científico, ameaçando-os em sua autonomia e submetendo-os às lógicas específicas deste campo midiático, como a rapidez (ou *precipitação*, para Bourdieu) e a renovação permanente. Há uma certa condenação da mídia que parte da acusação de que ela estaria funcionando, operando e trabalhando a serviço das elites dominantes, da acumulação que rege sua lógica comercial. Giovanni Sartori, por exemplo, alega que uma certa imbecilização coletiva estaria sendo promovida pela televisão, sobretudo no que concerne à construção da democracia. Chega a afirmar, em *Homo videns*, que a opinião pública, uma poderosa e estratégica arma de influência dos governados sobre os governantes, estaria sendo manipulada pela televisão, nessa era de *videopolítica*.

Discordamos dessa perspectiva. Sabemos que muitas são as críticas a serem feitas à mídia. Contudo, essas críticas não podem obscurecer o fato de que ela seja uma importante instituição social que muito contribui para o fomento do debate de questões de natureza pública e interesse coletivo e que tem se tornado indispensável para a vida pública.

Gostaríamos, desse modo, de apresentar aqui outro argumento, qual seja, que a visibilidade conferida pela mídia aos fatos e fenômenos sociais pode contribuir, de maneira reflexiva, para o deslocamento de visões pré-concebidas e preconceituosas. Essa é, também, uma discussão sobre representações. A noção de representação é significativamente complexa e reúne leituras da Sociologia, Psicologia e Filosofia (França, 2004; Jovchelovitch, 2000; Fraser, 1997; Honneth, 2003). Num sentido mais restrito, tomamos representação como uma ação interpretativa sobre as imagens e os signos que compõem o mundo social, ação esta ligada ao compartilhamento de sentidos e percepção de mundo calcada nos valores e referências que constituem o contexto e o imaginário social daquele que interpreta (Hall, 1997). Sendo assim, a visibilidade ou a representação de minorias, ou até mesmo a invisibilidade dessas, na cena midiática faz parte da construção de sentidos e referências presentes numa realidade social. Segundo França,

As representações estão intimamente ligadas a seus contextos históricos e sociais por um movimento de reflexividade - elas são produzidas no bojo de processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade, por outro lado, enquanto sentidos construídos e cristalizados, elas dinamizam e condicionam determinadas práticas sociais. Na sua natureza de produção humana e social, têm uma dimensão interna e externa aos indivíduos, que percebem e são afetados pelas imagens (passam por processos de percepção e afecção) - e, desses processos, as devolvem ao mundo na forma de representação (França, 2004: 19).

Ao pensar na visibilidade conferida pela mídia, não estamos negando o fato de que, muitas vezes, as representações que ali são feitas estejam respaldadas em sentidos e configurações advindas de um senso comum político e cultural, o que muitas vezes contribui para reforçar os discursos já estabelecidos sobre a exclusão de moradores de favela, de negros, de homossexuais etc. Edimilson Pereira (2001), ao analisar a exclusão étnica, evidenciando de que maneira ela pode ser percebida nos discursos oral e visual, tanto através de conversas informais quanto da mídia impressa, traça um percurso histórico desde os periódicos do Século XIX até os atuais, para detectar "como as imagens impressas reduplicam os precon-

ceitos contra os negros já evidenciados no discurso oral” (Pereira, 2001:36)⁵. Ainda para este autor,

(...) a visibilidade das populações negras não pode ser pensada apenas sob o ponto de vista estético. É necessário considerar as implicações políticas desse fato, pois a ênfase no caráter negativo dos negros aponta o seu suposto despreparo para as funções estratégicas da sociedade, bem como justifica a necessidade de outros segmentos assumirem essas funções por elas (Pereira, 2001:36).

O que gostaríamos de problematizar é a possibilidade de que haja representações que, ainda que baseadas em estigmas e calcadas no imaginário social, permitam endereçar ao público outros sentidos acerca dessas minorias, fazendo emergir contradições e possíveis deslocamentos. No caso de *Cidade dos Homens*, por exemplo, consideramos plenamente possível pensar na *reflexividade*⁶ possibilitada pela visibilidade. Nesse programa o morador de favela é mostrado de outro modo, ou seja, de um modo mais complexo, que escapa a associações mecânicas que ligam violência e criminalidade à favela, sem levar em conta quaisquer outros elementos. A série possibilita pensar de uma outra maneira, pois cria uma nova visibilidade que põe em primeiro plano a cotidianidade, os dilemas do dia-a-dia, a luta diante das dificuldades, dos medos e as preocupações de sujeitos comuns, que levam vidas também comuns. Ao narrar os episódios, os percalços, os medos e as estratégias de sobrevivência de duas crianças, Laranjinha e Acerola, num dos morros do Rio de Janeiro, ao mostrar o dia-a-dia na vida de uma comunidade: mães saindo para trabalhar, avós fazendo serviços em casa, pequenos gestos de solidariedade, crianças brincando e freqüentando a escola, garotos paquerando garotas, a Série descortina o cotidiano daqueles que, só por viverem na favela, parece não existir. Nos quatro primeiros episódios, muitos desses elementos - o medo da morte e do tráfico, a tentativa de se diferenciar dele, o dia-a-dia, a falta de dinheiro - são entrecruzados numa narrativa que procura esvaziar ou amenizar o estigma da violência como única forma de identificar o morro.

No depoimento de um dos diretores, Jorge Furtado, essa questão surge de modo claro:

(...) a série, a gente já concebeu, já pensou nela ser uma série infantil, quer dizer, ela não é para criança. É com criança, sobre crianças para passar na semana da criança. Mas, ela aborda o cotidiano dessas comunidades, as agruras e dificuldades da vida, a avó fazendo pastel para vender, a mãe que é empregada doméstica. E é por isso que é legal, pois ajuda a reverter e acabar com o preconceito⁷ (DVD do primeiro ano da série em 2002).

Cidade dos homens é um desdobramento do filme *Cidade de Deus*. Esta série é um projeto criado e desenvolvido na ONG "Nós do Cinema", uma organização que promove a inclusão de comunidades de baixa renda através do cinema. Mais de 25 favelas do Rio de Janeiro integram os diversos projetos, que têm como principais atividades cursos de capacitação nas diversas áreas da produção cinematográfica (produção, fotografia, câmera, sonorização, direção, montagem, edição). Tudo começou no ano 2000, quando os diretores Fernando Meirelles e Kátia Lund deram início ao processo de seleção de jovens atores para compor o elenco do filme. Foram quatro meses de oficinas de interpretação, o que possibilitou que, também, eles participassem de outras produções, além de verem no cinema uma chance diferente, um novo rumo para suas vidas. No site⁸ da ONG pudemos obter a seguinte informação:

Após as filmagens, um grupo de 50 jovens se destacou pelo seu entusiasmo. Eles vislumbraram no cinema oportunidade de construir um futuro melhor. Atenta ao interesse dos jovens, a diretora Kátia Lund continuou promovendo sessões semanais de estudo por mais um ano. Além disso, produziu filmes de autoria do grupo (www.nosdocinema.org.br).

Foi assim que, em 2001, surgiu a ONG "Nós do Cinema", cujo objetivo, conforme informações no site, "é promover a inclusão de jovens de baixa renda através do cinema e da tecnologia". Os jovens souberam aproveitar esta oportunidade de filmar o longa, e deram continuidade ao projeto, ampliando sonhos, expectativas e realizações. O trabalho vem sendo ampliado em vários projetos como "juntando gente" e "de olho na sua imagem!" que envolvem questões que vão desde a luta contra o preconceito até investimento e fortalecimento da auto-estima dos jovens da comunidade.

O tema da visibilidade midiática aparece aqui com fundamental importância. Espaço ao qual os diversos atores sociais têm acesso e podem expor seus argumentos, suas controvérsias, suas aspirações e visões de mundo, o cenário da visibilidade midiática nem sempre se constitui de modo equilibrado e equânime. Reconhecer suas assimetrias é algo, mesmo, relevante, inclusive para refletir sobre as habilidades e competências requeridas, que os diversos públicos precisam adquirir para “entrar” neste cenário e nele permanecer (Bohmam, 2000; Gomes, 1999; Maia, 2004; Maia e Fernandes, 2002; Thompson, 1998).

A importância da visibilidade e a centralidade da mídia podem ser evidenciadas nas inúmeras tentativas dos diversos grupos de alcançar repercussão midiática para seus eventos, reivindicações e aspirações. Na distinção entre *públicos fortes* e *públicos fracos*⁹, feita por Fraser (1997) e apresentada por Maia (2004), estes últimos, compostos por atores da sociedade civil, criam uma série de estratégias como forma de chamar a atenção da mídia, ocupar a cena pública e romper com a invisibilidade. Nesse sentido, a exposição à mídia contribui para aumentar o conhecimento público sobre os diversos assuntos, porque ela é capaz de dar-lhes a visibilidade que, de outro modo, talvez fosse impossível obter. Alguns autores (Norris, 2000) chegam a atribuir à mídia a responsabilidade de disseminar informações suficientes aos cidadãos, para que alcancem o conhecimento prático, para que sejam capazes de avaliar as conseqüências de suas ações e estejam cientes dos riscos e benefícios que estas trazem consigo.

Mesmo que a mídia receba tantas críticas sobre sua “capacidade de alienação”, mesmo que reconheçamos nela um sistema que obedece a determinada lógica econômica, que visa ao lucro, que tenha regras e procedimentos próprios, padrões de enquadramento que impliquem uma perda de autonomia dos atores sociais, é inegável seu importante papel na inserção dos atores no debate público. Ao tomar conhecimento dos diversos temas expostos na mídia poderíamos presumir que, teoricamente, isso daria oportunidade a todos de se posicionarem nas discussões, de reverem suas posições e efetuarem deslocamentos.

Neste ponto, gostaríamos de destacar dois aspectos. O primeiro diz respeito ao fato de que, em sociedades muito extensas e complexas, o conhecimento do que se passa em seus diversos setores demanda e apoia-se de modo decisivo em meios técnicos de geração e de circulação de mensagens. Aquilo que pertence ao domínio público dificilmente pode ser produzido na experiência direta, pode chegar a nós através do nível da convivência imediata e pessoal. Desse modo, o conhecimento nos chega de forma mediada pelo sistema mídia que se transformou numa fonte predominante por onde se realiza a visibilidade social (Gomes, 1999a).

O segundo aspecto que se vincula à questão da visibilidade midiática é o fato de a mesma oferecer recursos para o exercício da *reflexividade*:

A visibilidade mediática cria uma nova base reflexiva e recursiva para atores específicos. Tal base é recursiva na medida em que o quadro produzido pela mídia pode ser utilizado para encetar aprendizado a atores específicos, entre aqueles que se encontram na cena e aqueles na platéia ou na galeria (grifos nossos) (Maia, 2004:31).

Ou seja, os diversos públicos terão oportunidades de reflexão e aprendizado e, a partir daí, poderão modificar seu discurso, comportamento, visão de mundo. Na série *Cidade dos Homens* é possível ressaltar este aspecto da *reflexividade* e o fato de que aqueles que, de alguma maneira, vivenciam essa situação, podem se beneficiar desse processo tanto quanto os que nela não se consideram incluídos. A partir das produções realizadas,

Os participantes discutem mitos, preconceitos e estereótipos relacionados ao universo das favelas cariocas e sua população. Esta iniciativa tem contribuído para promover o diálogo entre 'o morro e o asfalto'. O 'Juntando gente'¹⁰ já foi realizado em escolas e universidades públicas e privadas no Brasil, EUA, México, Peru, Equador e Argentina. A próxima parada será na Europa: Portugal, Inglaterra e Alemanha (www.nosdocinema.org.br).

Há, então, possibilidades de uma postura reflexiva por parte dos diversos públicos. Os integrantes da ONG podem adquirir um novo

olhar sobre o mundo, sobre si mesmos e sobre suas comunidades, nos projetos que desenvolvem, nas produções que editam. Os demais podem fazer o exercício de se colocarem no lugar do outro, ampliar seu entendimento, afastar pré-noções e preconceitos permitindo o processo de deslocamento.

É claro que as desigualdades de acesso e as assimetrias constituem esse processo. Mas precisamos levar em conta o modo pelo qual os atores adquirem maiores chances de permanecer na cena pública, adequando-se às exigências, aos critérios e aos padrões que regem o campo midiático. Os atores desenvolvem, de modo cada vez mais sistemático, as habilidades e competências necessárias, bem como posicionamento crítico e uso efetivo da cena midiática. O modo pelo qual isso ocorre, como Maia (2004) e Maia e Fernandes (2002) demonstraram, advém da mudança da noção de público convocando a idéia de atores coletivos. Movimentos sociais, associações voluntárias, ONG's têm se habilitado para ocupar o espaço da visibilidade. Os que se organizam coletivamente têm mais chance de acessar e permanecer na mídia, ganhando relevância para seus argumentos.

O caso de *Cidade dos homens*¹¹ exemplifica bem o que mencionamos acima. Importante será ressaltar como o conhecimento de um determinado universo cultural, a partir de sua "existência midiática", oferece oportunidades para um maior entendimento de universos culturais e sociais distintos e para a ampliação de visões de mundo restritas.

Através de depoimentos e de informações no site da ONG "Nós do Cinema", pudemos perceber uma preocupação notória com a questão da visibilidade e com a possibilidade que ela representa na reconstrução de imagens e impressões que são compartilhadas no "mundo além do morro". No referido site podemos constatar que,

Além de criar novas oportunidades de trabalho e contribuir para melhoria do rendimento escolar, o "Nós do Cinema" diversifica os olhares, revelando novos talentos, dando visibilidade e espaço para a produção. Outro objetivo é o enriquecimento do cinema através da produção de filmes feitos por esses jovens e a diminuição das barreiras entre classes sociais através de exhibições em escolas privadas (www.nosdocinema.org.br).

Como ressaltamos, há clareza, por parte da ONG, quanto ao papel da mídia na divulgação dos diferentes grupos e o entendimento de que este papel é fundamental, já que ela é detentora de significativa influência e que pode validar diferentes grupos que lutam por legitimidade e reconhecimento. No projeto "De olho na sua imagem!" há intenções ligadas à recuperação da auto-estima dos jovens que poderíamos entender como um importante elemento para o exercício da cidadania:

O objetivo deste projeto é fortalecer a auto-estima do jovem de comunidade de baixa renda através da construção de sua própria imagem - estereotipada pelos meios de comunicação (www.nosdocinema.org.br).

Poderíamos abordar aqui o tema do reconhecimento discutido por Nancy Fraser (1997), em que a autora acredita que a falta de reconhecimento pode oprimir e que o devido reconhecimento não pode ser considerado uma cortesia, pois é, na verdade, uma necessidade humana vital (Taylor, 1994). Os grupos excluídos precisam buscar esse reconhecimento recíproco como parte importante de suas vidas, seus comportamentos e visões de mundo. Será por meio do reconhecimento, de uma luta por uma igualdade de valor moral, que os grupos excluídos irão promover uma desconstrução do desrespeito e construir uma base moral que sustente sua cidadania e sua identidade. Também Axel Honneth (2003), ao refletir sobre este mesmo tema, afirma que a integridade de um sujeito se relaciona à aprovação ou reconhecimento dos outros.

Um outro projeto da "Nós do Cinema", já citado, "juntando gente", esclarece que seu objetivo

É reduzir o preconceito social entre as diferentes classes sociais. Filmes como Cidade de Deus e o seriado Cidade dos Homens e produções do "Nós do Cinema" são utilizadas como um estímulo para repensar a realidade das favelas e como esses espaços são retratados pela imprensa e pela indústria do entretenimento (www.nosdocinema.org.br).

Fica, assim, evidente a importância da organização da sociedade civil em pequenos grupos ou associações de interesses comuns que bus-

cam articular e sistematizar suas opiniões e expectativas, para levá-las ao conhecimento de organizações ou corporações maiores, capazes de conduzir esse debate no espaço público midiático, onde as diferentes visões e vozes ecoam e encontram sentido e estímulo para que se realize um debate do qual todos possam participar, expor a si mesmos e a seus argumentos, lutar por aquilo que condiz com seus valores e fortalecer seu movimento. Não estamos, obviamente, a ignorar ou a desconhecer o quanto esse processo é penoso, por vezes lento, sujeito a críticas e questionamentos. Sobretudo porque os grupos excluídos são considerados a partir de visões pré-concebidas, que não os deixam falar por si sós. Além disso, seus sofrimentos, suas angústias, seus medos, sua ignorância não ganham o alcance necessário para romper as barreiras que os taxam de pobres, considerados resíduos, supérfluos de uma sociedade preocupada com o desenvolvimento econômico e a acumulação dele conseqüente. Cabe ao grupo organizado manter viva a vontade de lutar para vencer os mais diversos obstáculos que encontram pelo caminho, inclusive os inerentes aos próprios movimentos.

Para pensar como grupos excluídos conseguem vencer a violência simbólica que os desvaloriza e os impossibilita de serem percebidos como indivíduos capazes de justificar suas demandas e reivindicarem direitos para que possam exercer sua cidadania e se engajarem em um processo de reconhecimento mútuo, é necessário problematizar a própria noção de exclusão.

(Re)Conhecendo a exclusão social

O tema da exclusão social é algo controverso. Autores como José de Souza Martins, preferem não adotar o termo por acreditarem que não existe exclusão e, ao invés de discuti-la - já que o que há são contradições e vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes - discutam-se "as formas pobres, insuficientes e, às vezes, até indecentes de inclusão" (Martins, 1997: 21), ou seja, um processo de inclusão precária, no qual, ainda que de um modo perverso, os excluídos seriam necessários ao sistema, de um modo ou de outro. Para Martins,

Exclusão é apenas um momento da percepção que cada um e todos podem ter daquilo que concretamente se traduz em privação: privação de emprego, privação de meios para participar do consumo, privação de bem-estar, privação de direito, privação de liberdade, privação de esperança, ou seja, a privação hoje é mais do que privação econômica. Há nela, portanto, certa dimensão moral (Martins, 1997: 18).

Porém, esse tipo de raciocínio cria alguns entraves para analisar o que seria a exclusão na sociedade contemporânea. Seguindo esta perspectiva, torna-se quase impossível demonstrar ou reconhecer a existência dos excluídos, posto que sempre será possível vislumbrar alguma funcionalidade destes para o processo macroeconômico de acumulação que caracteriza o sistema capitalista.

Propomos, aqui, pensar o fenômeno da exclusão numa perspectiva mais ampla e considerá-la em sua dimensão ética, política e simbólica, pois este nos parece um caminho promissor para uma reflexão mais profícua e adequada do mesmo. Até porque reconhecer que o cerne da questão não se restringe à carência material pode significar que não se deva continuar investindo em formas de assistência que, ao invés de serem eventuais, acabam durando muito tempo e emperrando as tentativas de promoção do efetivo exercício da cidadania, caindo num parasitismo da ação política.

Não estamos aqui negligenciando ou negando a precariedade dos mercados de trabalho e as conseqüências que isso acarreta. Contudo, queremos a isso somar as novas características que advêm de um quadro fragmentado, quais sejam, desagregação familiar e social, esgarçamento dos laços comunitários, pobreza política e o conseqüente enfraquecimento do exercício da cidadania, preconceito e intolerância sofridos por este grupo e todas as mazelas daí decorrentes. A partir dessa nova visão, que poderíamos chamar de dimensão moral do fenômeno da exclusão, assim argumenta Demo:

Para que a postura teórica se tornasse mais visível, seria o caso de mostrar que o problema da coesão social é tão grave quanto o da precariedade dos mercados de trabalho, o que ainda não se fez de modo adequado. É um avanço explicativo não remeter tudo à determinação do econômico, mas torna-se improdutivo a base teórica se a questão econômica acaba por aparecer como mais forte no processo de exclusão (Demo, 2002: 31).

Para Luciano Oliveira (1997) e outros autores (Demo, 2002; Zaluar, 1997, 2004; Fontes, 1997; Neder, 1997) trata-se de uma questão que adquire certas especificidades na sociedade contemporânea e que, por isso, poderia ser considerada como uma “nova exclusão”, termo que ele usa remetendo a Elimar Nascimento em “Hipóteses sobre a nova exclusão social” (1994). O que esses autores pretendem fazer notar é que a noção de exclusão significa algo complexo e que não pode ser pensado somente na estreita relação quase direta com o não pertencimento ao sistema produtivo. Para pensar a exclusão como ela se apresenta hoje, é preciso considerar alguns desafios que encaminham a reflexão para além do plano econômico. E esse seria outro ponto em comum das análises sobre o tema. Ao citar Paugam (1996), Demo argumenta que existiriam estágios anteriores à exclusão, como a precariedade e a pobreza, o que significaria a amplitude desse termo e indicaria a necessidade de uma reflexão que levasse esse aspecto em conta, ou seja, o fato de que a carência material seria uma das marcas da exclusão, mas o âmago da questão é a “pobreza política” e que, por isso, combater a pobreza material é um primeiro passo e uma questão de assistência provisória. Muito mais sentido faria reconhecer a importância da “reinvenção da cidadania do excluído” (Demo, 2002:35), e poderíamos vislumbrar que essa nova ambiência e visibilidade conferida pela mídia, conforme já exposto, seriam parte constitutiva desta reinvenção.

Oliveira expõe dois traços marcantes que justificam essa nova abordagem. O primeiro estaria ligado ao fato de os excluídos serem considerados “desnecessários economicamente” tanto pela falta de habilidades necessárias quanto pelo fato de que o capitalismo se encontrar numa fase “liberadora de mão-de-obra”, pelo menos dessa que poderia ser oferecida pelo grupo aqui em questão. O segundo traço diz respeito a um aspecto que conferiria valor simbólico à idéia de exclusão, fortalecendo-lhe o sentido, uma vez que

Sobre eles [os excluídos] se abate um estigma, cuja conseqüência mais dramática seria a sua expulsão da própria ‘órbita da humanidade’, isso na medida em que os excluídos, levando muitas vezes uma vida considerada subumana em

relação aos padrões normais de sociabilidade, passam a ser percebidos como indivíduos socialmente ameaçantes e, por isso mesmo, passíveis de serem eliminados (Oliveira, 1997: 51).

Desse modo, será sob esse estigma, sob o rótulo de subumanos que os excluídos passam a ser considerados pelos demais grupos. Recaem sobre eles imagens negativas, situações perversas que muitas vezes os colocam como bodes expiatórios que trazem consigo a culpa do mal do mundo (Zaluar, 2004) tornando-os vulneráveis a todo tipo de exclusão: material, social e simbólica. Paugam (1996), citado por Demo, dá o exemplo da favela:

(...) o problema das favelas não pode ser explicado só pelas formas de segregação espacial e as desigualdades face à habitação; é mister ver também um processo de degradação das relações sociais no seio das cidades desertadas e as dificuldades crescentes da população de fazer face ao sentimento de solidão, de enfado, de vazio da existência (Paugam, 1996: 15 *apud* Demo, 2002: 18).

Além de se verem envolvidos num cenário bastante fragmentado, os excluídos ainda se vêem submetidos a um rótulo ao qual já fizemos referência anteriormente: passam a ser considerados uma ameaça. O que poderia significar esta ameaça? Em que medida pessoas consideradas desnecessárias economicamente, como supérfluos na sociedade, que levam uma vida subumana, poderiam representar alguma ameaça às demais?

Concomitante à produção de seres humanos sem lugar no mundo, as pessoas 'normais' começam a desenvolver em relação a estes um sentimento de hostilidade, o que pode levar ao desenvolvimento de uma mentalidade exterminatória. Em outras palavras, a uma espécie de neonazismo alimentado tanto pelo medo que eles inspiram quanto pelo temor de se tornar um deles (Oliveira 1997: 58).

Nesse sentido, é possível imaginar, e até exemplificar, como o faz Oliveira, o surgimento de uma rejeição a essas pessoas, uma intolerância e uma falta (ou perda) de vontade de encontrar qualquer explicação - como a compreensão da situação sócio-econômica, o entendimento das causas - para esse número cada vez mais crescente e ameaçador de excluídos. Como dissemos, é possível identificar

vários exemplos. Destacamos este que se segue, dado por Oliveira, acerca de um texto escrito para o Jornal Folha de São Paulo, por um de seus articulistas, Marcelo Coelho:

A compaixão pelos pobres sem dúvida permanece, mas o que se intensifica, acho que não estou sozinho nisso, é uma progressiva substituição do sentimento de culpa pelo da irritação, do tédio, da impaciência face à multiplicação incansável da miséria (Coelho, 1994:112 *apud* Oliveira, 1997:59).

Ao desafio de compreender o que é a exclusão social ou quem são os excluídos Oliveira procura, como também o faz Zaluar, resgatar o pensamento de H. Arendt e sua tentativa de analisar politicamente os fenômenos a partir de suas especificidades. Arendt argumenta que o "próprio pensamento emerge de incidentes da experiência viva e a eles deve permanecer ligado, já que são os únicos marcos por onde obter uma orientação"(1988:41 *apud* Oliveira, 1997:57) Partindo dessa metodologia construída por Arendt, Oliveira propõe uma análise que procure ver e compreender os excluídos "pelo viés de uma valoração" (Oliveira, 1997: 57).

E é nesse sentido que entendemos que seja possível argumentar que uma série como *Cidade dos Homens* inaugura uma oportunidade de conhecer midiaticamente um grupo de excluídos, conferir-lhes outra visibilidade e que isso oferece insumos para que as pessoas pensem sobre esse mundo. A nossa premissa é a de que exposições como esta possibilitam o descortinamento de um universo e podem, por isso, humanizar esses excluídos, revelar seus dramas, tirar-los do anonimato. Por isso, acreditamos que a mídia pode contribuir para o processo reflexivo e a aproximação dos mundos e dos públicos, como discutiremos a seguir.

Favela: soma de exclusões e assimetrias

Os autores que se têm dedicado ao estudo e à compreensão da favela argumentam que uma das principais formas pelas quais ela é reconhecida toma por base as noções de ausência e de exclusão. A favela é quase sempre definida pelo que ela não teria: um lugar sem

infra-estrutura urbana — água, luz, esgoto, coleta de lixo —, sem ruas pavimentadas e bem delimitadas, globalmente miserável, sem ordem, sem lei, sem regras, sem moral, enfim, o lugar da carência, do vazio, do perigo. Localizadas geralmente em terrenos elevados, algumas herdeiras do que seriam conjuntos habitacionais (como Cidade de Deus), reunindo milhares de moradores, comportando diferentes tipos de construção imobiliária, com diferentes níveis de violência e de presença do poder público, com variadas características ambientais, as favelas se constituem em territórios com paisagens razoavelmente diversificadas. Essa diversidade é quase totalmente ignorada, ou mesmo desconhecida, e não apenas pelo senso comum, mas, também, em definições de órgãos competentes, como o IBGE, por exemplo, que identifica as favelas “como um subconjunto de um *aglomerado subnormal*” (Silva, 2004: 75; Zaluar e Alvito, 2003; Valladares, 2000).

Podemos entender que essa noção de ausência — material, moral, social — acaba por configurar uma espécie de imobilidade, nos termos empregados por Zygmunt Bauman (1999) para analisar as relações de tempo e espaço construídas no contexto da globalização. Bauman atribui à mobilidade um papel particularmente importante, pois ela se traduz “no fator de estratificação mais poderoso e mais cobiçado, a matéria de que são feitas e refeitas diariamente as novas hierarquias sociais, políticas, econômicas e culturais em escala cada vez mais mundial (1999:16). A liberdade de movimento, a mobilidade é característica primordial daqueles que definem “as regras do jogo”. Na verdade, Bauman acredita na existência de uma “elite da mobilidade” que detém um tipo de poder imponderável pelo espaço físico, posto que este poder se reconfigura sobretudo numa forma financeira, o que faz com que os “detentores” do poder tornem-se realmente extraterritoriais, ainda que corporeamente estejam “no lugar” (Bauman, 1999: 26). E continua este autor: “O que eles [os pertencentes à elite da mobilidade] precisam é insolar-se da localidade, agora despojada de significado social, transplantada para o ciberespaço, e assim reduzida a terreno meramente físico” (Bauman, 1999: 27).

É por isso que Bauman (1999:121) afirma que a “marca dos excluídos na era da compressão espaço-temporal é a imobilidade”. Podemos identificar vários espaços imobilizadores, como a prisão, por exemplo. *Mas, queríamos argumentar que não se trata somente de uma imobilidade territorial, mas, sobretudo, simbólica.* Sob este aspecto imaginemos a situação daqueles excluídos que estão ou são identificados com uma localidade que, além de tudo, é considerada como lugar da falta e da ausência? Mesmo sendo possível, ainda que difícil, a mobilidade do lugar, o grande desafio seria a mobilidade simbólica. Estes excluídos, por sofrerem preconceito, tornam-se, muitas vezes, imóveis simbolicamente, presos a esses estigmas e colocados à margem da sociabilidade.

Se, segundo Bauman, as ambições da vida são comumente expressas em termos de mobilidade, da livre escolha do lugar, da viagem, de ver o mundo, estar imóvel poderia, então, significar uma espécie de derrota, de fracasso e atraso. Sendo assim, “estar proibido de mover-se é um símbolo poderosíssimo de impotência, de incapacidade e de dor” (Bauman, 1999: 130).

A favela é contraposta a um determinado ideal de urbano, vivenciado por uma pequena parcela dos habitantes da cidade, daí assimetrias como morro x asfalto¹². Por isso, talvez, ela seja também vista sob a ótica da exclusão - aquilo que está fora de uma sociabilidade considerada normal - e seja considerada uma disfunção que compromete a vida da cidade. E, muitas vezes, é a partir desse lugar - da periferia, do lugar da ausência, da falta - que esses moradores são inseridos na cena midiática, em particular em ocasiões em que se discute a tensão, o medo e a violência que domina o imaginário social e que é refletida na mídia.

Muitos autores (Alvito, 2003; Alvito e Zaluar, 2003; Cecchetto, 2003; Rinaldi, 2003; Zaluar, 2004, 1997, 1985) já apontaram para esta questão da estigmatização e rotulação sofrida por estes indivíduos moradores de favela. Há, para esses autores, uma espécie de imaginário preconceituoso alimentado tanto por aqueles que não querem ser associados à favela quanto pelo próprio poder público, assim como pelos que lá não moram. O fato relevante é que essa

visão vem sendo construída desde o início do século XX, o que se pode comprovar nos documentos da época¹³. Para esses autores,

A despeito de diferentes roupagens, sempre de acordo com um contexto histórico específico, o favelado foi um fantasma, um outro construído de acordo com o tipo de identidade de cidadão urbano que estava sendo elaborada, presidida pelo higienismo, pelo desenvolvimentismo ou, mais recentemente, pelas relações auto-reguláveis do mercado e pela globalização (Zaluar e Alvito, 2003: 15).

Na verdade, Zaluar e Alvito acreditam que não só a favela, mas o próprio Rio de Janeiro também passou a ser, no imaginário das pessoas em todo o país, considerado como a cidade do tráfico, da violência e da criminalidade.

Embora essa não seja nossa principal preocupação, tornou-se difícil falar de favela sem partir da cidade do Rio de Janeiro. Sabemos que os grandes centros urbanos abrigam várias favelas com características e problemas distintos, mas que, para o imaginário, constituem o mesmo tipo de grupo, de risco, de perigo para a cidade. E é sobre esse ponto que iremos refletir mais adiante.

E acreditamos que tal separação entre "morro" x "asfalto", "centro" x "periferia", que essa segregação instituinte do preconceito e instituída por ele, pela preocupação de alguns em se diferenciar claramente dos moradores de favela, pode ocorrer no nível do imaginário social. Neste âmbito é que é possível criar uma tal dualidade, cidades partidas, sem encontro, contato ou mediação: "o mundo dos incluídos" x "o mundo dos excluídos". Muito poderia ser dito sobre esta improvável classificação dual. Na vida cotidiana, ordem e desordem se misturam, experiências são trocadas, a diversidade é constituída nas relações entre as raças, classes e grupos. Mas essa é uma discussão que foge ao objetivo deste artigo.

É claro que não poderíamos deixar de reconhecer que a favela é uma comunidade que vive sob condições muito precárias e inusitadas e que aqueles que nela moram são marcados por um estigma que os considera como sujeitos perigosos, uma ameaça à ordem moral e à ordem social mais ampla¹⁴. Apesar das lutas travadas por seus moradores, da sua capacidade de se organizar

para reivindicar, para construir laços sociais e culturais é preciso reconhecer, também, que

A favela enfrenta novos e terríveis problemas, em face do terror imposto tanto pela polícia, na repressão ao tráfico, quanto pelos próprios traficantes, cada dia mais afastados da população local. Além disso, novos conflitos surgiram e tornaram-se ameaça àquilo que fez da favela um espaço propício à organização e à criação cultural, livre dos constrangimentos da crença incontestada, do maniqueísmo e da intolerância religiosos (Zaluar, 2003: 21).

Esses graves problemas que vêm se intensificando ao longo dos anos têm adquirido características e traços diversos. Primeiro a instauração de uma violência quase generalizada e sofrida de vários modos: física, psicológica, simbólica, o que nos remete à idéia de exclusão anteriormente discutida. Tem-se, também, a instauração de uma cultura do medo que esvazia muitas das tentativas de trabalho coletivo e comunitário, embora elas existam, como já exemplificamos com a ONG "Nós do Cinema". A presença e a atuação do tráfico de drogas acabou por instaurar não só a violência brutal, mas, também, uma série de outros elementos que tornam grandes desafios todas as ações políticas que procuram ser desenvolvidas.

Só para citar um exemplo dessa complexidade, Alba Zaluar discute a formação de um *ethos guerreiro*¹⁵ que começa a surgir a partir das atividades exercidas de modo perigoso no tráfico de drogas e a necessidade cada vez maior de demonstrar coragem e destemor por parte daqueles que querem permanecer nelas e "fazer carreira". Era preciso, então, para ser chefe, demonstrar coragem, frieza e até crueldade diante de situações que careciam de soluções rápidas e eficazes. Um chefe não pode vacilar, nem demonstrar insegurança no trato com traidores, delatores ou devedores. O que ocorre aqui é uma extensão desse comportamento a todo aquele que quer demonstrar masculinidade e virilidade: coragem, destemor, crueldade, autoridade e símbolos marcantes, tais como a arma de fogo enfiada na calça, o dinheiro no bolso, a conquista das mulheres e o enfrentamento da morte. Esse era o "homem de verdade". Esse *ethos* vai tornado-se muito comum, sobretudo entre os jovens, como pode ser identificado nas galeras que freqüentam bailes *funk*. Mas seria este

o único *ethos* a ser compartilhado? Haveria outros modos de ser que gerariam diferentes identificações? Como *Cidade dos Homens* trata questões complexas e ambíguas como esta?

Na Série há diálogos nos quais o *ethos guerreiro* aparece de modo claro. No primeiro episódio, "A coroa do imperador", pudemos ver, através de uma conversa entre as crianças e adolescentes do morro, os sentimentos ambíguos que surgem em relação ao tráfico. Um dos adolescentes fala para os colegas do seu desejo de vingança e sua revolta pelo fato de seu primo ter morrido a tiros.

Nesse momento, uma criança diz: "Todo mundo já pensou nisso na vida, *brother*. Se falar que não é mentira: de um dia se revoltar e entrar pra boca e ser sinistro pra ter respeito no morro".

Aí, outro pondera: "O tráfico devia proibir menor de 15 anos".

Laranjinha completa: "Eles bota menor, porque menor não é preso".

Mas, do mesmo modo que a série trabalha esse *ethos*, ela também discute outros modos de ser e ver o mundo que institui a cotidianidade, a solidariedade e uma visão menos agressiva deste lugar. Nesse mesmo episódio acima citado, a discussão continua em torno deste tema e muitos opinam; momentos de silêncio ocorrem, expressões de medo, dúvida e desentendimento, quando Acerola finaliza o "debate" dizendo que: "Não adianta nada. A pessoa pensa que vai crescer, que vai ser dono do mundo. Chega na hora, *brother*, não é porra nenhuma. Não passa dos 18 anos". Não é nosso propósito, aqui, encontrar respostas para questões tão complexas, aprofundar-nos nos diversos aspectos que poderiam ser levantados. Tais indagações merecem reflexões mais cuidadosas sobre a Série. Gostaríamos apenas, neste momento, de indicar algumas impressões que corroboram nossos argumentos e esclarecem nossa análise.

O que interessa, por ora, seria enfatizar um dos dilemas vividos no ambiente em questão: o desafio que representa pensar o papel da comunicação, da importância das trocas intersubjetivas na busca do entendimento e do diálogo como solução para os conflitos num ambiente onde, ao mesmo tempo, tanto prevalece o conflito pelo conflito, a vingança pessoal e a ausência de mecanismos de nego-

ciação verbal como as muitas tentativas de valorizar a comunicação, as interações sociais. Sabemos que muitos daqueles que procuram organizar coletivamente a vida nessas comunidades reclamam, lamentam ou denunciam o grande entrave que representa o efeito desagregador e destruidor que tem a poderosa e moderna arma de fogo, a sedução do ganho fácil, o consumo desmedido, o exercício do poder através da imposição do medo e da violência.

É por isso que, ao se estudar a favela hoje, torna-se fundamental romper e superar um senso comum que reforça uma idéia e uma imagem de favela como um “fenômeno urbano”, no sentido de algo incomum, irreconhecível na sua cotidianidade, o que para nós é possível pensar a partir de *Cidade dos Homens*, já que uma de suas maiores contribuições estaria na possibilidade de promover o deslocamento das visões pré-concebidas ao mostrar o cotidiano. Estudar a favela é, também, dar visibilidade às suas práticas sociais e culturais, desmistificá-la como a encarnação do mal, suspendendo a idéia de que favela é o local da desordem, da violência brutal, um lugar de carências. É entender que essa idéia da falta é insuficiente para compreender a favela. Tal idéia não permite desdobrar a análise para os entendimentos das práticas ali construídas, das relações estabelecidas com os demais grupos, com poderes municipal, estadual e federal, das estratégias encontradas para continuar lutando e construindo um lugar de ser e viver na sociedade.

Mídia: mobilidade simbólica e aproximação dos mundos

De que modo este grupo de excluídos poderia expressar suas aspirações, visões de mundo, suas necessidades? Como a mídia pode contribuir neste processo? Já mencionamos o fato de que *Cidade dos Homens* representa, para nós, uma possibilidade de promover o deslocamento de uma visão preconceituosa e hostil em relação aos moradores de favela. Esta série, ao conferir visibilidade a um novo enquadramento deste grupo, exibindo seu cotidiano, dando a ver os

dilemas e desafios vividos a cada dia por pessoas comuns, fornece insumos para uma *mobilidade simbólica*.

Mas, a grande mudança, e que se constitui num grande desafio, é que os moradores de favela não se identifiquem e não sejam identificados como meros excluídos, que se sintam cidadãos e responsáveis pelo rumo e pela melhoria de suas vidas e de suas comunidades. E uma reivindicação da inclusão ética e política, como nos parece ocorrer a partir da Série, pode ser compreendida como um pleno exercício de cidadania.

Gostaríamos, neste ponto, de enfatizar a natureza processual do que estamos considerando *mobilidade simbólica* e como ela se relaciona de modo estreito com o processo comunicativo entendido como uma nova ambiência, na qual ocorrem interações sociais, reforço e reconhecimento de valores e conhecimento de múltiplas realidades sociais. Isto porque tal *mobilidade* tem seu início no âmbito da produção do programa que promove um novo enquadramento, qual seja, aquele que mostra a favela não como o lugar da ausência e dos excluídos ou desprovidos de sociabilidade, como o lugar da violência e do crime, mas como um lugar de interações cotidianas e de cidadãos. É possível captar essa *mobilidade* já na dimensão da produção, sobretudo a partir das tentativas de escapar dos estereótipos. Vejamos o que diz Fernando Meirelles¹⁶

Cidade de Deus é um drama com toque de comédia sobre traficantes no Rio, a comunidade aparece apenas como pano de fundo. Cidade dos homens é uma comédia, com um toque de drama sobre uma comunidade no Rio de Janeiro, os traficantes aparecem só como pano de fundo. Um projeto completa o outro (DVD do primeiro ano da Série em 2002).

Outro fator fundamental, que também pode ser considerado como um impulso à *mobilidade simbólica* a partir da produção, diz respeito à visibilidade alcançada por esta série na grade de programação da televisão. *Cidade dos Homens* foi exibida em horário nobre (Sexta-feira à noite), na maior rede de televisão do país, a Rede Globo, com jovens atores e atrizes moradores das comunidades e membros da ONG "Nós do Cinema". Acreditamos que esse fato,

além de mostrar a possibilidade de negociação e abertura de espaço para este público, evidencia certas ambigüidades inerentes à própria mídia - que muitas vezes os mostra de forma estigmatizada, outras vezes oferece visões de mundo moralizantes (o certo x errado; bem x mal) noutras, ainda, corre o risco de estilizá-los. É importante ressaltar a complexidade destas questões e a impossibilidade de estabelecer qualquer julgamento *a priori*. Ainda sobre esta questão depõe Fernando Meirelles,

O que mais me surpreendeu foi o interesse da Globo. Quando foi ao ar, deu 29, 30 no Ibope, uns 5 pontos a mais do que a média para o horário. Eu acho que importante também é ver que o sucesso de uma série como essa demonstra um enorme interesse do Brasil que quer conhecer o Brasil. E para mim essa é a grande contribuição desta série (DVD do primeiro ano da Série em 2002).

Kátia Lund¹⁷ oferece um depoimento que também pode ser esclarecedor:

Enquanto *Cidade de Deus* foi visto por um milhão de pessoas, *Cidade dos Homens* foi vista por 40 milhões. Minha grande satisfação é saber que essa mensagem tá chegando ao grande público (DVD do primeiro ano da Série em 2002).

No episódio "A Coroa do Imperador", há comparação, por parte dos garotos, entre seu universo e o da zona sul. Enquanto vê neste ambiente condomínios fechados, alarmes, porteiros, forte esquema de segurança, Acerola pensa: "prefiro o morro. Lá não tem assalto e ninguém tem que viver preso como aqui."

Muitos outros exemplos poderiam ser mencionados. Há sempre um convite à reflexão, há sempre demonstrações de saídas pacíficas para o conflito (o entendimento, o diálogo, o jogo de futebol) em cada episódio. Mas há também as ambigüidades, como já havíamos mencionado. A estrutura narrativa sempre atinge um certo clímax, uma pequena tensão se instaura, mas o final é sempre aquele que termina com um pensamento do tipo "o crime não compensa", com lições moralizantes que evidenciam o que é certo e o que é errado, o que pode e o que não pode.

Num outro episódio, "O cunhado do cara", Acerola torna-se cunhado de Deco, o bandido mais perigoso do morro e passou a sentir o gosto do poder. Nas palavras de Laranjinha, "de neguinho virou negão". Deco atendia aos pedidos dos moradores da comunidade. Ouvia-os e encaminhava, um a um, os problemas apresentados: ajuda financeira, briga entre vizinhos, vazamento de água, barulho, falta de remédio etc. Conquistou a irmã de Acerola e este se sentiu no direito de ir à forra contra um grupo de garotos que o tinham agredido e atirado seu tênis nos fios da rede elétrica.

Segundo Laranjinha, "no começo era só onda. Depois, o Acerola começou a abusar". Acerola começou a extrapolar nas atitudes com os outros, humilhando-os, obrigando-os a atender suas vontades mais absurdas (mandava os garotos rebolarem, fazerem flexão no chão, chamá-lo de campeão etc). Ocorre que a irmã de Acerola resolveu romper o namoro, pois não estava interessada em levar uma vida arriscada, ao lado de um traficante. E é aí que Acerola se vê em apuros, pois os garotos vão querer vingança. Os dois amigos vão tentar uma reaproximação do casal, mas Deco morre num confronto com outros traficantes.

Dentre outras coisas, podemos ver com clareza uma certa lição moral que esse episódio tenta demonstrar, sobretudo para as crianças, jovens e adolescentes. Esta narrativa mostra o quanto esse poder é temporário, como ele não vale a pena, como o crime não compensa. Vive-se no sobressalto; morre-se cedo. No fim, após obedecer algumas ordens dos garotos do grupo de que abusou, Acerola entende-se com eles e tudo termina numa animada partida de futebol.

Outros exemplos que poderiam ser mencionados são a preocupação e a tentativa de arrumar emprego que não seja no tráfico ("emprego oficial"), os dilemas vividos no dia-a-dia, como o fato de Acerola ter engravidado sua namorada e as diversas lições e reflexões que podem ser feitas a partir dos encaminhamentos dados e das soluções encontradas. Mas é sempre importante ressaltar que essa Série configura uma narrativa diferente daquela que freqüentemente surge na mídia, que mostra o morro como espaço de miséria e violência, com poucas possibilidades para que o espectador possa vislumbrar o morador de favela de outro modo.

Nesse sentido, acreditamos que a dimensão da produção e suas tentativas de escapar dos estereótipos e de generalizações precipitadas ocasionaram uma outra visibilidade e gerou novas possibilidades de diálogo entre “morro” e “asfalto” ou, nos termos que adotamos aqui, uma aproximação dos mundos. E essa aproximação se dá pelo estabelecimento de uma *mobilidade simbólica* que institui uma linguagem partilhada e o deslocamento de um público em direção ao outro.

Concluindo pela aproximação dos mundos

Como dissemos, nossos apontamentos sobre a série *Cidade dos Homens* seriam apenas preliminares. Na verdade, são impressões que estamos construindo em torno do nosso objeto, a fim de nos aprofundarmos mais nas possibilidades que um produto dessa natureza representa para o que chamamos de *mobilidade simbólica*¹⁸.

Para os públicos fracos, ressaltamos a importância das organizações da sociedade civil, como a ONG “Nós do Cinema”, por exemplo, ao prepararem os diversos atores sociais para ocupar espaço na grande mídia, conquistar visibilidade, entrar no debate público e fomentá-lo, alcançando a *mobilidade simbólica* junto aos demais. Sobre este aspecto, declara Regina Casé, também diretora de *Cidade dos Homens*: “(...) Mais interessante e mais eficaz que qualquer cota para negros. É a produção de uma série como essa que pode mudar alguma coisa”.

É claro que devemos levar em conta a premissa de que nenhum produto veiculado está isento de gerar insatisfações e desentendimentos. Pode ser que os moradores de favela não se sintam contemplados e tenham uma série de críticas a fazer. Mas este é um assunto que exige procedimento investigativo específico.

É claro, também, que a *reflexividade* pode ou não ocorrer. As pessoas podem esbarrar nos estereótipos e não avançar além deles. Acreditamos que haja um potencial, uma margem ampliada de entendimento. E isso, para nós, já é um primeiro passo em direção à aproximação dos mundos.

Notas

- ¹ Agradeço a Rousiley Maia, Ricardo Mendonça e Ângela Marques pelas valiosas contribuições dadas durante as discussões realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Mídia e Espaço Público (EME) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociabilidade/UFMG.
- ² Usaremos o termo “morador de favela” no lugar de “favelado”, numa tentativa de imprimir esse deslocamento em nossa análise. Este termo, “morador de favela”, é aquele adotado pelas pessoas que residem nessas comunidades ao se identificarem e se fazerem reconhecer frente aos demais.
- ³ Embora esta seja uma indagação considerada como fundamental na orientação da pesquisa empírica, julgamos necessário abordá-la no âmbito dessa discussão, ainda que nossa intenção aqui seja a de apresentar a problematização da questão num nível conceitual.
- ⁴ Série televisiva veiculada na TV Globo nos anos de 2002, 2003 e 2004 às sextas-feiras, após o Programa Globo Repórter.
- ⁵ Pereira faz em *Ardis da imagem* uma discussão que procura abordar, entre outras coisas, “como a palavra e a imagem traduzem o sentido da exclusão na medida em que são, também, a prática da exclusão, como exemplificam frases do tipo ‘negro não é gente’ ou imagens de negros comparadas a doenças”. Ao abordar discursos e imagens dos negros brasileiros na mídia impressa o autor afirma que “é interessante analisar como o discurso de exclusão étnica desses veículos se torna objeto de consumo dos próprios excluídos” (Pereira, 2001).
- ⁶ Partimos da idéia de *reflexividade* discutida por A Giddens para a alta modernidade. Acreditamos que as interações estabelecidas com bens culturais, inclusive os midiáticos, possibilitam que os espectadores possam refletir, discutir sobre suas vidas, suas visões de mundo e possam, também, rever seus posicionamentos e suas próprias concepções. As narrativas, os personagens, os estilos representam um conjunto significativo de informações sobre os valores, as práticas culturais, as moralidades que vigoram na sociedade, que poderiam promover um tipo de reflexividade. Para Giddens: “a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre essas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (Giddens, 1991).
- ⁷ Os depoimentos foram retirados do DVD com os quatro primeiros episódios da série exibidos em 2002. DVD *Cidade dos Homens*. Uma produção O2 Filmes, realização Central Globo de produção, © 2002 TV GLOBO LTDA.
- ⁸ Todas as informações sobre a ONG foram obtidas no site: www.nosdocinema.org.br, disponível em: <http://www.nosdocinema.org.br/mambo/>
- ⁹ A participação efetiva no espaço de visibilidade midiática chamou a atenção para as profundas assimetrias que o constituem e os diferentes modos de atuação dos públicos. Nesse sentido, Fraser (1997) sugere a distinção entre públicos fortes e públicos fracos de acordo com o poder de decisão e influência dos mesmos. Os públicos fortes seriam compostos por representantes do sistema político oficial e das elites. Já os públicos fracos seriam os diversos atores da sociedade civil, o “sujeito da opinião pública” (Fraser, 1997 e Maia, 2004).
- ¹⁰ Projeto integrante da ONG “Nós do Cinema”.

- ¹¹ Para o escopo desta análise faremos referência aos quatro episódios do primeiro ano de exibição, ocorridos entre os dias 15 e 18 de outubro de 2002, durante a semana da criança, às sextas-feiras após o Programa Globo Repórter, na Rede Globo de Televisão.
- ¹² Acreditamos que essa distinção morro x asfalto seja uma das construções do imaginário preconceituoso ao qual fazem referência Alba Zaluar e Marcos Alvito (2003), expressando uma dualidade que guarda afinidades com aquela que caracteriza o Brasil. Conforme esses autores: "Pensada para exprimir o abismo entre o mundo urbano brasileiro, localizado no Sul e Sudeste, e o mundo tradicional do Nordeste e do Norte, essa dualidade foi usada em diferentes contextos e com diferentes conotações para expressar a superioridade de uma região, estado, cidade ou parte da cidade sobre outras regiões, estados, cidades ou partes da cidade. No Rio de Janeiro, essa reflexão sobre a dualidade brasileira encontrou na oposição favela x asfalto uma de suas encarnações" (Zaluar e Alvito, 2003: 12).
- ¹³ Zaluar e Alvito citam um documento localizado no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, emitido no dia 04 de novembro de 1900 cujo teor e determinação expressam com clareza o modo pelo qual as favelas (ou morros) eram considerados: um lugar infectado de pragas de todo o gênero - vagabundos, criminosos, malfeitores, ladrões, prostitutas - um foco cuja limpeza material e moral se fazia urgente e necessária. Assim dizia o documento: "Obedecendo ao pedido de informações que V. Excia., em ofício sob nº 7.071, ontem me dirigiu relativamente a um local do *Jornal do Brasil*, que diz estar o morro da Providência infestado de vagabundos e criminosos que são o sobressalto das famílias no local designado, se bem que não haja famílias no local designado, é ali impossível ser feito o policiamento porquanto nesse local, foco de desertores, ladrões e praças do Exército, não há ruas, os casebres são construídos de madeiras e cobertos de zinco, e não existe em todo o morro um só bico de gás, de modo que para a completa extinção dos malfeitores apontados se torna necessário um grande cerco, que para produzir resultado, precisa pelo menos de um auxílio de 80 praças completamente armadas." (Zaluar e Alvito, 2003: 8).
- ¹⁴ Um exemplo interessante dessa estigmatização nos é oferecido por Alessandra de Andrade Rinaldi em seu artigo "Marginais, delinqüentes e vítimas: um estudo sobre a representação da categoria favelado no tribunal do júri da cidade do Rio de Janeiro". Neste estudo, a autora procura evidenciar a importância da oralidade não só no que diz respeito à cultura jurídica, mas na sociedade brasileira em geral. O interesse específico em foco diz respeito ao lugar das marcas sociais da condição de favelado nos diversos discursos proferidos no júri. Muito interessante será a constatação da autora do fato de que, mesmo nas falas daqueles que estão no lado da defesa, a estigmatização e rotulação são flagrantes. Nesse sentido, trechos como o que se segue são encontrados no texto do referido artigo nos mais diferentes modos de representar o favelado: como excluído, como trabalhador, como culpado, como vítima social etc: "Não tenho mais o que falar. O réu é honesto, trabalhador, tem residência certa e carteira profissional. Seu único erro é ser do morro. Será que no morro só tem bandido?" (Rinaldi, 2003).
- ¹⁵ Em relação a esse *ethos guerreiro* ver Zaluar, 2003 e 2004 (especialmente p. 235-238); e Cecchetto, 2003. Segundo Zaluar: "nesse *ethos* era central a idéia de chefe ou de um indivíduo absolutamente livre, que se guiava apenas 'por

sua cabeça". O *ethos* da virilidade passa a ser uma busca pelo respeito e poder perante os demais. Sobre a extensão desse *ethos*, assim esclarece Zaluar: "Isso só ficou claro para mim quando ouvi a presidente de uma das associações de moradores contar, chorando, em 1988, como as armas de fogo chegavam até o bairro e eram postas nas mãos dos adolescentes pobres, trazidas de carro por desconhecidos. Esses adolescentes, em plena fase de fortalecimento da identidade masculina, aprendiam rápido um novo jogo mortal para afirmá-la, dada a facilidade de obter armas" (Zaluar, 2004: 237).

¹⁶ Todos os depoimentos deste diretor foram retirados do DVD do primeiro ano da série (2002).

¹⁷ Depoimento retirado do DVD do primeiro ano da série (2002).

¹⁸ Essas reflexões fazem parte do projeto "Da periferia à esfera pública: a construção de pobres e favelados (e suas comunidades) na Série *Cidade dos Homens* e a contribuição para o debate público" que conta com o apoio do CNPq, a quem agradecemos pelo auxílio concedido. Dentre os objetivos deste projeto está o de ouvir as diferentes vozes envolvidas nesta questão tais como: a dos realizadores, através da análise da Série; a da mídia, através da consulta a jornais à época de exibição do primeiro ano do programa; e a dos diferentes públicos tanto os que vivenciam de alguma maneira a situação acima descrita quanto os demais. É por considerar estes últimos os públicos mais atingidos pelo quadro exposto em nossa pesquisa que pretendemos realizar grupos focais com jovens de favela do Rio de Janeiro e Belo Horizonte e jovens que possuem condição sócio-econômica distinta, a fim de captar sua visão de mundo e o modo como lidam com a representação feita na TV, em que medida se pode falar de *reflexividade* e lutas por reconhecimento.

Bibliografia

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil*. São Paulo: Editora Senac, 2000.

BARKER, Chris. *Television, globalization and cultural identities*. Buckingham; Philadelphia, Penn: Open University Press, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências perversas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

BOHMAN, *Public Deliberation: pluralism, complexity, and democracy*. Massachusetts: Mit Press, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

CECCHETTO, Fátima Regina. Galeras *funk* cariocas: os bailes e a constituição do *ethos* guerreiro. In: ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (Org). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

DEMO, Pedro. *Charme da exclusão social*. 2ª Edição. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2002.

- FISHKIN, J. *The voice of the people: public opinion and democracy*. New Haven: Yale University Press, 1997.
- FONTES, Virgínia. Capitalismo, exclusões e inclusão forçada. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, 1997.
- FRANÇA, Vera R. V. Representação, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; CORDEIRO, Renato e FIGUEIREDO, Vera Lúcia (org.). *Comunicação, representação e práticas sociais*. Rio de Janeiro/ Aparecida, São Paulo: Ed. PUC-Rio/ Idéias e Letras, 2004.
- FRASER, Nancy. From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a post-socialist age. In: _____ *Justice interruptus*. New York: Routledge, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: editora Unesp, 1991.
- GOMES, Wilson. Esfera pública e media II. In: RUBIM, Antonio et al. (org.). *Práticas discursivas na cultura contemporânea*. São Leopoldo: editora Unisinos. (Compós, 1999) _____. A política da imagem. *Fronteiras*, estudos midiáticos. São Leopoldo. nº 1, dez. 1999a.
- HALL, Stuart. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage, 1997.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. São Paulo: Edusc, 2001.
- LEEDS, Elizabeth. Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local. In: ZALUAR, Alba e AIVITO, Marcos (Org). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- MAIA, Rousiley C. M. Dos Dilemas da visibilidade midiática para deliberação pública. In: LEMOS, André et al. (org). *Mídia.BR*. Porto Alegre: Sulina, 2004. (Livro do XIII Compós)
- _____. e FERNANDES, Adélia. O movimento antimanicomial como agente discursivo na esfera pública política. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo. nº 48, fev. 2002.
- MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Temas da atualidade)
- MIGUEL, Luis Felipe. Um ponto cego nas teorias democráticas: os meios de comunicação. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, nº 49, 1º semestre de 2000.

- NASCIMENTO, Elimar. Hipóteses sobre a nova exclusão social. *Cadernos CHR*. Salvador, n. 21, 1994.
- NEDER, Gizlene. Cidade, identidade e exclusão social. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, 1997.
- NORRIS, Pipa. *A virtuous Circle, political communication in postindustrial societies*. Cambridge, UK/ New York, NY: Cambridge University Press, 2000.
- OLIVEIRA, Luciano. Os "excluídos" existem? Notas sobre a elaboração de um novo conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, nº 33, 1997.
- PEREIRA, Edimilson. *Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira*. Belo Horizonte, Minas Gerais: Mazza Edições/Editora PUC-Minas, 2001.
- RINALDI, Alessandra de Andrade. Marginais, delinqüentes e vítimas: um estudo sobre a representação da categoria favelado no tribunal do júri da Cidade do Rio de Janeiro. In: ZALUAR, Alba e AIVITO, Marcos (Org). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- SARTORI, Giovanni. *Homo Videns: televisão e pós-pensamento*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001. (Coleção Verbum)
- SILVA, Jailson de Souza e. Identidade, território e práticas culturais: a experiência de Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré - Ceasm. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (org.). *Cultura e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.
- TAYLOR, Charles. The politics of recognition. In: GUTMANN, A. (ed.). *Multiculturalism*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- VALLADARES, Lícia. A Gênese da favela carioca: a produção anterior às Ciências Sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v.15, nº 44, out. 2000.
- ZALUAR, Alba. *Integração perversa, pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- _____. e AIVITO, Marcos. Introdução. In: ZALUAR, Alba e AIVITO, Marcos (Org). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- _____. *A máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. Inclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 12, nº 35, 1997.